

*UMA CANETA NA MÃO E  
UMA IDEIA FORA DA  
CABEÇA*



Franchêscollli Gohlke

Universidade Federal de Santa Catarina

Portfólio de contos para a disciplina de Escrita Criativa

Capa: Fotografias de Glauber Rocha

Dezembro de 2016

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	3
CONTOS	
Um momento para ser lembrado	4
Vista, foco e ponto de mira	6
Um maluco total na loucura real	9
Enquanto o taxímetro não roda	13
Num piscar de olhos	17
O calor da despedida	19
Não abra seus olhos	24
MICROCONTOS	
Amor, meu fim	26
Velórios	26
Enlutar	26
Receita de 327 passos para bombas caseiras	26
ROTEIROS	
O Roubo do Século	27
Platús	34

## APRESENTAÇÃO

Este portfólio consiste em sete contos, quatro microcontos e dois roteiros. Todos foram desenvolvidos ao longo do semestre para a disciplina de Escrita Criativa do curso de Cinema da UFSC. As aulas foram ministradas por Marcio Markendorf com a monitoria da também aluna de cinema, Anna Bianchi Marques.

A produção destes textos foi um grande desafio pessoal. Tendo sempre gostado de ler, me peguei sendo enfim desafiado a criar minhas próprias histórias. Não foi fácil. O semestre me provou que a criação literária não depende apenas de boas ideias surgidas durante o sono ou um momento de procrastinação. Com o decorrer das aulas percebi que o processo de escrita não é o simples sentar em uma cadeira e começar a digitar no teclado do computador. É uma longa, tortuosa e demorada caminhada de ideias, escrita e incontáveis revisões e correções.

Os contos e roteiros, pensados e articulados de acordo com diferentes propostas de produção textual representam o gradual crescimento teórico e prático deste aspirante a cineasta, e agora, também escritor. As narrativas aqui encontradas foram trabalhadas, respectivamente, nas seguintes temáticas:

1. Medo./trauma de infância;
2. Inversão;
3. Narrativa em detalhe entre os anos 1960 e 1990;
4. Intertexto com um filme;
5. História visível vs. invisível com viagem no tempo;
6. Mise en abyme de vingança, com uma personagem principal feminina e três objetos importantes recorrentes;
7. Suspense com histórias paralelas entre uma criança e um monstro, sendo narrada no tempo presente sem entrar no mundo mental dos personagens;
8. Microcontos baseados em fotografias, vídeos e ideias sugeridas em aula;
9. Roteiro de um assalto com três partes distintas: retomada do plano, convencimento de um dos personagens a participar e final romântico/trágico;
10. Roteiro final com um tema de epidemia como alegoria para um corpo político/social doente.

Por fim, gostaria de agradecer o apoio da monitora da disciplina neste percurso e ao professor, pelos desafios propostos e por terem acendido uma chama que não se apagará.

## Um momento para ser lembrado

Imagine um mundo diferente do seu. Um mundo em que a maior busca das pessoas não está na felicidade, mas sim na seriedade, pois manter uma cara fechada é sinônimo de sucesso. É nesse mundo que se passou uma estória nem tão feliz assim, nem tão triste e nem tão séria.

Murilo era um garoto quase comum, fazia de tudo para se encaixar na sociedade e principalmente na escola, onde tentava seriamente criar networkings com seus futuros concorrentes no mercado de trabalho (por mais incoerente que isso possa soar, ainda mais para alguém que está apenas no quarto ano do ensino fundamental). Porém, o pequeno e tímido garoto possuía um fardo (pelo menos como ele o tentava adjetivar) que lhe proporcionava momentos embaraçosos perante a estoica sociedade. O “fardo” era um cachorrinho bobinho chamado Spike que, dentre seus incontáveis defeitos, sabia sorrir.

Todos os dias, quando Murilo voltava do colégio focado em sentar a bunda em frente à escrivaninha e estudar as disciplinas que teve antes e depois de sua seção diária de bullying (recreio), era recebido pelo seu cão com um estúpido sorriso estampado no rosto. O garoto bem que tentava xingar o cachorro e achar que aquela atitude seria merecedora de uma punição, afinal ela lhe proporcionara muitos momentos ruins ao passear com ele pelas ruas da cidade diante de pessoas mal-humoradas.

Honestamente, o garoto não sabia avaliar qual tinha sido a pior situação pela qual havia se metido com o Spike, pois o bendito conseguia mandar um simpático sorriso para todo transeunte pelo qual passava. E Murilo não entendia como conseguiu ter tanto azar (ou como o garoto estava aprendendo na escola, falta de capacidade) ao escolher um cachorro. Ele queria um cão que impusesse respeito, mas o canil só tinha um pequeno espécime de orelhas maiores que as patas, e foi por isso que resolveu nomeá-lo Spike. Se o cão não dava medo, que pelo menos tivesse um nome que impusesse respeito como o cão extremamente mal-humorado do seu colega de aula César, o garoto que mais praticava bullying no colégio.

Estranhamente com o passar do tempo, Murilo acabou se apegando ao animalzinho, havia algo de especial naquele estupefato sorriso diário. E isso aconteceu justo no maior momento de infelicidade, digo, felicidade, em que o garoto passava. Eram os exames finais que aconteciam no colégio, momento que mais exigia estudos dos alunos e em que os garotos mais fortes aproveitavam para libertar toda a sua incompreensão com a vida em forma de raiva sobre os mais fracos, digo, Murilo. E talvez fossem todos aqueles sentimentos acumulados que lá no fundo, o garoto de alguma forma sabia que não eram assim tão bons, que o levaram um dia a esquecer de todas as suas preocupações e começar a brincar com o seu pequeno alien Spike.

Aos poucos o sorriso do cão foi sendo retribuído, e o que começou como uma brincadeira em um dia ruim, passou a virar uma rotina. O garoto já sorria tanto quanto o cão, e este, apesar de não saber falar, passou a latir mais a fim de se comunicar com seu amigo. E isto, apesar de ser algo muito bom na relação dos dois, despertou na vizinhança um sentimento muito ruim, pois para todos além de Murilo, os latidos apenas incomodavam suas rotinas.

E foi em um dia em que Murilo estava em aula, louco para voltar para casa e brincar com seu cachorro, que um dos vizinhos (o pior de todos) decidiu por fim aos latidos de Spike. Este é um ponto triste da história, pois mesmo que não podemos dar uma face ao sujeito, podemos imaginar a crueldade e infelicidade de um ser desses. Infelizmente o homem acabou tendo sucesso. Quando Murilo chegou em casa, não foi recebido por Spike e seu sorriso, ele se deparou com o cão passando mal e sofrendo devido a algum tipo de veneno. Murilo chamou seus pais, que imediatamente o puseram no carro com Spike em seu colo e dirigiram a toda velocidade para o veterinário.

Mas infelizmente era tarde. Murilo sabia, via nos olhos de Spike que era tarde, pois mesmo querendo disfarçar, o cão não conseguia esconder seu medo e sua dor. E foi nesse último momento entre os dois inseparáveis amigos, que o garoto precisou pela primeira vez sorrir sozinho. Não era o primeiro sorriso trocado entre os amigos, mas era o último. Não era o mais feliz entre os dois, mas era o mais consolador, pois mesmo acompanhado de lágrimas, dizia para o pequeno cachorrinho que tudo ficaria bem dali por diante, e que seus sorrisos diários do passado iriam ecoar para sempre no coração do garoto.

## Vista, foco e ponto de mira

“Merda, isso não deveria ter acontecido. Como viemos parar nessa situação? Tenho que pensar em alguma coisa, eu preciso dar um jeito. Mas como vou negociar com essa garota? Eu estou com a grana e ela com uma arma apontada pra cabeça do Vinícius. Preciso distraí-la, talvez a Ana tenha recebido a mensagem e venha ajudar. Mas não tenho certeza, preciso pensar em alguma coisa. Se ela perder o foco ou baixar a arma talvez eu consiga sacar a minha. Tenho que ganhar tempo...”

- Está bem, você está certa, eu sei sobre a grana. Ela não está comigo, está com a Ana. Ela armou o esquema e eu e o Vinícius pulamos fora. Não queríamos nos meter em encrenca e entrar em algum conflito com você. Deixa a gente ir e te ajudamos a encontrar ela...

“Merda, ela está mentindo, precisa estar... Não faz sentido o dinheiro estar com a Ana. Ela não participou da fuga e só chegaria no lugar marcado hoje à noite. Ela quer me enrolar. Caralho, não é a melhor das horas pra se fazer isso, afinal estou ameaçando ela com o cara. Isso não é nada confortável, não quero machucá-lo. Não quero nem fazer mal a ela, mas preciso do dinheiro, se não elas vêm atrás de mim... E eu já enrolei demais aquelas mulheres. Preciso ficar firme nessa, acho que daqui a pouco ela cede.”

- Quer ver a cara dele espalhada nesse chão? Para de mentir garota! A grana não tá com a Ana, está com vocês! Vocês só deveriam ter seguido com o esquema. Ter levado a grana pro lugar combinado e dividi-la. Quer saber? Se um dos dois falar agora onde ela está eu esqueço tudo isso. Vocês ainda ficam com suas partes e cada um segue na sua, inteiros...

“Merda, merda, merda... Porque eu me meti nessa!? Merda! Eu não deveria ter ouvido a Laura. Gosto dela e quero ficar com ela, mas estou com a porra de uma arma apontada pra mim. A Laura precisa falar. Foda-se a grana, precisamos sair dessa. Mas ela está tentando enrolar a Fabi. Ninguém pode fazer nada, estamos no meio do nada, e ninguém do esquema sabe da situação. Eu preciso falar...”

- Laura, por favor..

- Cala a boca Vinícius!! Você não pod...

-Cala a boca, você, porra! Fala, cara, o que tu sabe? Onde está a grana?

“Merda. Ele não deveria ter feito isso. Mostrou fraqueza, culpa... Agora ela já sabe que eu menti. Preciso contornar essa.”

- Vinícius, confia em mim...

- Falei pra você calar essa boca, Laura. Quer tomar bala? Quem fala aqui sou eu e o Vinícius a partir de agora. Vamos lá, garoto, confie em mim. Fale e tudo vai ficar bem, cada um segue na sua depois disso.

“Só mais um pouco. Se eu colocar um pouco mais de pressão ele cede. Já está chorando, ele quer sair dessa. E eu também, não fui feita pra isso. Mas tenho que ir até o fim. Na Laura não posso confiar, ela pensa que consegue me enrolar. Mas tá é sendo enrolada. Os dois estão. Eu pude roubar toda a grana daquele playboy filho da puta com eles. Ele merecia perder a grana, mas eu não posso atirar em nenhum dos dois. Mesmo que tenham ferrado comigo, eu não tenho como atirar.”

- Vamos lá, cara, fala comigo.

-Nós mentimos. Te enganamos sim, ficamos com o dinheiro... Ele tá escondido, mas a Ana não tem nada a ver com isso. Agora, por favor... tira a arma da minha cara!

-É mentira dele. A Ana tá junto nessa e tá vindo pra cá.

- Mas que merda, Laura! Quer morrer? Vocês sabiam da minha situação e resolveram ferrar comigo. Porra, garota, eu te considerei uma amiga e tu fodeu com tudo. Se eu não entregar a minha parte pras mulheres, elas vão acabar comigo!

- Tu se meteu nessa sozin...

- Mas que merda de barulho é ess...

- Abaixa essa arma ou eu atiro!!!

“Ótimo, ela se desconcentrou. Tô com a cara dela na mira e a garota tá nervosa. O jogo tá empatado. Se eu fizer uma pressão a partir daqui posso sair dessa com o Vinícius. Não preciso atirar pra acabar com isso. Aliás, não tenho como atirar.”

“Putá que pariu. Fodeu... E eu estou no meio disso sem ter como me proteger, dependendo das duas. Seu eu pudesse sair dessa sozinho. Esqueço o dinheiro e tudo o mais, até a Laura. Afinal, não sei se todo mundo sai dessa vivo.”

‘Caralho. Como fui chegar nessa situação!? Uma com a arma apontada pra outra. Penso que ela é capaz de atirar, mas não importa. Minha arma tá vazia, sempre esteve. Pensei que ele funcionaria como um instrumento de persuasão, mas acho que o que não funcionou fui eu. Merdas acontecem. Agora é tarde, que se foda...’

-Larga a arma garota. Ou eu atiro!!

- Larga tu porra!!!

“É agora, só puxar o gatilho.”

“Merda....”

## Um maluco total na loucura real

Era junho de 1969. O jovem Paulo havia chegado a pouco mais de dois dias na cidade de Nova York, onde iria residir nos próximos dois anos para estudar o catolicismo. Fora mandado para os Estados Unidos pelo pai, um orgulhoso capitão aposentado do 12º batalhão do Estado, e pela mãe, uma orgulhosa dona de casa e exemplar devota da Igreja de São Francisco, à sugestão de Frei Roberto, que afirmava que o garoto daria um ótimo sacerdote, conseguiria subir na carreira (quem sabe se tornaria papa?) e seria um exemplo para a sociedade.

A título da verdade, Paulo não estava muito confortável na situação que fora imposta a ele desde o dia em que seu nome foi registrado em cartório. Foram 18 longos anos de uma vida dedicada a fazer bonito e dar orgulho à família perante a comunidade todos os domingos. E muito provavelmente este tenha sido o motivo que o fez ficar loucamente apaixonado por uma garota chamada Jen, que viera conversar com ele enquanto caminhava pelo quase que completamente abandonado Central Park. Lugar que na época estava esquecido pela prefeitura da cidade, com bancos quebrados, vegetação mal cuidada e frequentado por pessoas que a mídia e a elite da sociedade preferiam manter às margens. Mas o jovem garoto preferia ver o melhor das pessoas que frequentavam o parque, e certamente viu os melhores sentimentos humanos em Jen.

Ela era praticamente uma personagem da cidade. Seu jeito de se vestir e pensar dizia muito sobre o período em que o modo de vida americano estava sendo questionado. Havia uma rebeldia escondida por trás daquelas estampas floridas de girassóis. Ela até o convidou para ir a uns shows que aconteceriam na metade de agosto, mas o jovem teve que recusar para se focar em seus estudos. Porém, os dias passaram e os pensamentos de Paulo naquela garota não. E então, ao se confrontar em uma de suas aulas com um padre arrogante, prepotente e que certamente cometia o pecado da gula, Paulo não pensou duas vezes ao deixar de lado seus estudos, uma missa do final de semana e o mais importante, suas caricaturas riscadas na carteira do dito cujo e partir com Jen para um pequeno festival de música que aconteceria em uma cidade próxima.

A partir daquele momento, o único brasileiro a participar de Woodstock (o tal do pequeno festival) teve sua vida completamente mudada. Resolveu largar de vez seus estudos e se desvincular de toda e qualquer instituição, incluindo seu sobrenome. Ligou para a mãe e avisou que iria viajar com sua galera paz e amor pelos States a fim de encontrar seu Nirvana. Sua velha ficou grilada. Ela acreditava que a culpa era da maconha, pois havia visto na mesma semana um programa do governo na TV, falando sobre essa nova geração que só sabia se drogar. Mas Paulo sabia que o que havia acontecido foi o seu verdadeiro batismo ao som das guitarras de Hendrix e Santana, e nas vozes de Joplin, Joe Cocker e tantos outros artistas (apesar da erva ter ajudado a dar uma onda).

E assim, rapidamente se passaram os anos. Paulo viveu com sua turma hippie viajando pelos EUA transmitindo paz e amor, e lentamente foi esquecendo-se de seus pais pois estes já o haviam feito a muito tempo e se apaixonando cada dia mais por Jen. Os 70 estavam aí, assim como uma patota que se denominava “Disco”. Paulo não sacava muito a deles. Usavam roupas extremamente decotadas e com bocas de sino para todos os cantos, as quais pagavam super caro para apenas vestir nas sextas à noite. Era como se fossem a igreja semanalmente. Mas não importava, pois os ternudos do governo já o estavam incomodando para voltar ao Brasil depois da merda que ele fez em frente à Casa Branca em Washington quando correu pelado em forma de protesto contra a guerra do Vietnã e lá, ele provavelmente não encontraria essa mania. O único pesar foi ter que se despedir de Jen e o resto da trupe. Certamente sentiria falta daquele amor livre com aquela galera livre... Sem falar da erva.

Ao chegar a terras tupiniquins, logo percebeu que o clima estava tenso. Pensou ver seu pai em todos os lados, pois fardinhas o encaravam e zombavam de seu estilo e seus cabelos e barba compridos. Mas bastou uma pancada na cabeça para distraí-lo daquele constrangimento causado por aqueles caretas. O que aconteceu, foi que, ao cruzar sem rumo a primeira rua com rumo ao centro da cidade, Paulo foi atropelado por Celestina (nome que em pouco tempo ele viria à descobrir). Talvez fossem aquelas curvas, mas certamente foi amor à primeira vista, pois estava fissurado.

Após comprovar que estava tudo bem, que ele era cabeça dura, Paulo sentiu a obrigação de perguntar sobre o passado de Celestina. O cara sabia que daquele momento em diante, não largaria mais de mão daquela joia. Foi difícil convencer, mas após algum tempo, muito esforço, paciência, persuasão e nenhum papo furado, Paulo a conquistou. E assim, os dois passaram a viver juntos e saíram a pegar a estrada. Tempos mágicos foram aqueles, em que os anos pareciam ter passado rápido demais. Paulo certamente aproveitou os tempos e aventuras que viveu com Celestina, mas jamais conseguiu tirar Jen e seu passado da cabeça. Por um tempo perdeu contato com a garota, ela havia parado de andar com a trupe e depois de quase um ano descobriu que ela havia se estabilizado em um pequeno apartamento no centro de nova York. E dali em diante, Paulo começou a enviar cartas a Jen com meses de intervalo entre uma e outra, mesmo sem ter a certeza se ela as recebia ou não.

Já era o final dos anos 70. Paulo simplesmente amava viver um dia de cada vez, andar sem rumo com Celestina, conhecer figuras novas pelo caminho e parar em um barzinho qualquer a noite para beber uma geladinha e filosofar sobre as mazelas da vida. Tudo isso com uma trilha sonora que não saía do repeteco, em que ele havia gravado uma fita K7 com músicas do grande Raul. Sua favorita era Maluco Beleza, a qual ele não se importava em rebobinar a fita com o “complicado”

uso de uma caneta, para ouvir infinitas vezes até acabar na madrugada cantando que iria ficar com cerveja.

Passou por algumas situações inusitadas ao longo dos anos. Em 1979, apareceu na TV Tupi no programa de um entrevistador maluco que deixava Paulo mais maluco que psicodelia de ácido. Era um tal de Rocha, porra louca que defendia um tal de Cinema Novo. Estranho, pois para Paulo o cinema já era algo um tanto velho. Em 1987 viveu o que talvez tenha sido o melhor verão de sua vida. Ao lado de Celestina, Paulo vivia como artista ambulante, e foi em Ipanema no Rio de Janeiro que ele encontrou as primeiras latas despejadas do Solana Star. E o verão da lata acabou virando o verão da brisa.

Mas foi em 1990 que sua vida deu um giro completo. Paulo ficou sabendo que sua mãe não estava bem de saúde, e assim foi para a antiga casa dos pais para cuidar dela. Seu velho já havia partido dessa, sem nunca tê-lo perdoado por seguir seu próprio rumo longe das construções sociais feitas por ele. Triste com o rumo que a relação com seus pais tomou, mas sem se arrepender de suas decisões, Paulo escreveu uma carta para Jen, dessa vez, com um endereço fixo em que poderia ser encontrado. Sua mãe depois de alguns meses veio a falecer também, mas antes conseguiu entender as motivações do filho e respeitar suas decisões.

Paulo não aceitou a herança que lhe foi deixada por sua mãe. Doou tudo e se aquietou por um tempo, repensando seus passos até ali. Foi ao receber um telegrama de Jen, que Paulo veio a descobrir que era pai. Estava convicto de que queria conhecer seu filho, e foi assim que tomou uma das decisões mais difíceis de sua vida: teria que se separar de Celestina. E foi realmente triste para Paulo ter que se separar daquela Kombi azul celeste que o acompanhara para todos os cantos. Mas era impossível levar aquela belezura junto, e sem o dinheiro que viria dela, seria impossível comprar uma passagem só de ida para a gringa. Assim, Paulo se despediu de sua velha amiga para reencontrar outra velha amiga.

Partiu para Nova York e antes de conhecer seu filho, se encontrou com Jen no mesmo ponto em que haviam se conhecido no Central Park. Ela parecia mais adulta, havia se tornado uma mãe solteira ainda muito nova e por isso acabou por adquirir muitas responsabilidades. Foi quando Paulo se deu por conta que havia parado no tempo. Sentia-se novo de alma, mas seus cabelos já não eram tão volumosos e sua barba já era mais branca do que castanha. E ao conhecer seu filho que estava com quase vinte anos, Paulo viu muito de si no garoto. A rebeldia solta, e o amor por coisas simples e experiências da vida.

A conversa foi longa, e Paulo quis ouvir tudo o que o garoto tinha para contar. Ele não tinha guardado magoas pela falta de presença de uma figura paterna, mas Paulo sentia a vontade de compensar todo o tempo perdido. Decidiu convidar o garoto para um pequeno festival de Grunge que aconteceria no final de

semana. Mas foi ao ouvir o primeiro som de uma banda chamada Nirvana, que Paulo percebeu que havia nascido há 10 mil anos atrás.

## **Enquanto o taxímetro não roda**

Era o último mês de aulas antes das férias. Cada dia que passava parecia cada vez mais longo para Travis. Sua rotina era praticamente a mesma todos os dias. O que variava era a forma como ele seria humilhado durante os recreios ou aulas de educação física por seus colegas. Acordava, penteava seu cabelo para o lado, do jeito que sua mãe lhe ensinara e adorava, enquanto ele odiava. O garoto sempre ficava alguns minutos se olhando em frente ao espelho. Vendo seu corpo magro, que apesar das tentativas de musculação (lê-se cinco apoios e cinco abdominais por semana) caseira, não mudava. Sentia-se fraco, injustiçado pela sociedade, pelo mundo, por Deus e pela genética. Depois tomava seu café da manhã e partia para a escola.

Tudo era tranquilo até o momento em que entrava no ônibus escolar. Depois que subia os três degraus e se virava para caminhar pelo corredor do veículo, Travis precisava tomar cuidado. Ele tinha de ser rápido para ver um assento livre que não tivesse mais ninguém. Não podia ficar parado dando sopa no corredor. Depois que encontrava seu lugar, precisava caminhar rápido, mantendo o olhar para o chão a fim de evitar um tropeço no pé de alguém querendo que ele caísse e para os lados, cuidando com tapas atrás da cabeça que poderiam vir.

Chegar à escola tinha se tornado relativamente tranquilo. Travis conseguiu aprender rápido os esquemas para evitar confusão ao longo do ano. Sem falar que tão cedo da manhã os outros garotos ainda estavam com muito sono para ter vontade de perturbá-lo. Porém, era durante o intervalo que o garoto não sabia se virar. Não conseguia ter amigos, e isso significava que não havia ninguém para protegê-lo ou lhe fazer companhia nos momentos de bullying. Travis descobriu com o tempo que o melhor lugar para comer não era no refeitório do colégio, mas escondido dentro do banheiro no corredor em que ficavam as salas dos mais novos. Não era muito agradável, muito menos cheiroso, mas era seguro.

Normalmente era na volta para sua sala de aula que Travis era surpreendido por seus colegas. Havia apenas um caminho de volta e era nele que sempre o esperavam. Empurrões, xingamentos e o clássico “chá de cueca” faziam parte do roteiro diário pelo qual o garoto passava. Ele não respondia de volta e nem tentava mais correr. Sabia que quanto menos expressões demonstrasse menos diversão os outros garotos sentiriam.

Porém num dia comum e ordinário durante a aula, o professor acabou passando um trabalho que deveria ser feito em duplas. A primeira reação de Travis foi ficar triste com o fato de que teria que fazer o trabalho com algum de seus colegas. A segunda foi de ficar mais triste ainda quando o professor anunciou que escolheria as duplas. Porém, para uma agradável e desesperadora surpresa, a dupla escolhida para Travis acabou sendo Cassie, talvez a mais popular menina da turma.

Possuído por uma total falta de confiança em realizar o tal trabalho, o garoto caminhou em direção a sua parceira para conversar com ela e combinar algum dia de se encontrarem. Mas foi durante o pequeno descontrole emocional que Travis esqueceu de sua primeira regra a ser seguida no dia: olhar para baixo e para os lados no corredor do ônibus. Claro que este era um corredor de carteiras escolares, mas a regra era aplicada e valia de qualquer forma. Foi quando estava chegando perto de Cassie que Mark (o pior dentre os piores) aproveitou para discretamente colocar seu pé no caminho. O que não foi discreto foi a queda do garoto e a risada generalizada. Mesmo assim, completamente vermelho em uma mistura de vergonha e raiva, Travis puxou assunto com Cassie, e os dois combinaram de se encontrarem na casa da garota no final de semana.

A semana passou normalmente para Travis (dentro do que pode se chamar de normal em sofrer constantemente com chás de cueca) exceto por uma coisa: o garoto não conseguia parar pensar em Cassie. Começou a reparar em seus cabelos, em como gostava da forma que ela andava, até mesmo em como comia o “bolinho de carne da morte” que era servido no refeitório. Ele mal poderia esperar para sábado chegar. O garoto se olhava todos os dias no espelho, tentando perceber alguma mudança em seu corpo, afinal começara a fazer seus apoios e abdominais diariamente. Também ficou testando novos penteados, a fim de impressionar a garota.

Quando sábado chegou, Travis se arrumou da melhor forma possível, levantou seu cabelo e saiu de casa. O garoto pegou um táxi para ir à casa de Cassie, e quando chegou, ela já o esperava na varanda.

– Olá, como você está? – Perguntou Cassie.

– Oi. – Foi o que Travis conseguiu responder.

A menina então observou o táxi saindo, e perguntou ao garoto:

– Por que você veio de táxi? Você mora a três quarteirões daqui.

– Ah, eu gosto de andar de táxi, talvez algum dia trabalhe em um. Mas também não queria me atrasar.

A garota sorriu e o chamou para dentro. Os dois fizeram o trabalho sem desviar o foco. Quando haviam terminado Travis estava pronto para ir embora, mas Cassie resolveu puxar conversa.

– Então, porque você não conversa com ninguém da turma?

– Bom, ninguém gosta de mim. – Respondeu Travis.

- Isso não é verdade. Você só é um tanto estranho. Mas tenho certeza que isso é por que você não conversa com ninguém. Acho que te falta um pouco de autoconfiança.

- Talvez. Quero dizer, como ter confiança quando caras como o Mark zoam comigo todos os dias?

- Tente revidá-los algum dia.

- Eu jamais teria coragem. - Falou Travis enquanto olhava para o chão.

- Você precisa trabalhar sua coragem. Eu sou tímida, por exemplo. Mas todos os dias antes de ir pra escola eu me olho no espelho e treino minhas atitudes. No final, digo a mim mesma que sou forte.

De repente, Travis se sentiu encorajado a dizer para a garota que estava gostando dela. Não sabia se era o momento certo para isso ou não, mas ainda não havia criado uma regra para isso.

- Eu gosto de você, Cassie. - Soltou Travis sem saber se havia falado ou gritado.

Cassie o olhou e abriu um sorriso. Travis pensou que a garota sentia o mesmo por ele, e sorriu para ela mordendo seus lábios de nervosismo.

- Com o tempo e treino na frente do espelho você também vai aprender a dizer isso para uma garota. Ou não. - Soltou Cassie.

Travis certamente voltou para casa sentindo-se um perdedor. De fato era até aquele momento. Tudo o que fazia em sua vida era apanhar na escola e agora tomar foras de garotas. Mas se algo havia mudado, foi sua determinação em mudar e enfrentar seus inimigos. O garoto começou a treinar sua autoconfiança em frente ao espelho. Continuava apanhando e sendo alvo de piadas no colégio, mas estava determinado a se vingar, no último dia de aula, pelo menos de Mark.

Naquela manhã Travis acordou motivado. Não penteou o seu cabelo para o lado. O levantou formando um moicano, inspirado pelos guerreiros indígenas. E foi para a frente do espelho. O garoto ficou pensando em qual seria o momento perfeito para revidar Mark e quando decidiu, virou de lado para o espelho. Em sua cabeça, Travis imaginou Mark o chamando por algum dos apelidos que lhe dera, e então se virou para o espelho fazendo uma cara fechada.

- Você está falando comigo? - Perguntou Travis para seu reflexo no espelho.

O garoto olhou para os lados de seu quarto se fazendo de desentendido com seu "Mark reflexo".

- Você está falando comigo? - Olhou para os lados. - Bom, eu sou o único aqui.

Travis sorriu, havia ficado satisfeito com sua mini atuação pessoal. Pensou que havia convencido a si mesmo e certamente conseguiria enfrentar Mark. Partiu para o colégio. No ônibus tudo ocorreu normal, mas quando chegou ao corredor ouviu lhe chamarem.

- Hei, seu freak! - gritou Mark. - Venha aqui para nos divertirmos.

Travis se virou e soltou sua fala ensaiada.

- Você está falando comigo? - Perguntou Travis tentando parecer perigoso.

- Claro que estou seu idiota! - Respondeu Mark, chegando perto do garoto e rapidamente lhe dando o maior chá de cueca que Travis já havia levado.

Travis ficou tão abalado por seu plano não ter dado certo, que demoraram alguns anos e muitas noites de insônia para que ele tentasse algo assim novamente.

## Num piscar de olhos

Laura pegou seu telefone para ligar para o seu namorado. Ela sabia que precisava ser rápida, pois seu tempo estava acabando. Discou o número que sabia de cor. Quando foi que tinha decorado sendo que sempre criticava pessoas que decoram números quando se tem listas salvas? Não importa. Precisava avisá-lo que tinha descoberto a solução para o que tanto procuravam. Uma pesquisa inteira de dez anos tinha sido resolvida. Como num passe de mágica, de repente tudo estava em sua cabeça e fazia sentido. Era tão natural.

O telefone tocou, mas ele não atendeu. Laura tentou novamente, mas após o segundo toque desistiu. Sabia que não adiantaria ficar esperando. Correu para a cozinha e pegou as chaves de seu carro. Sempre esquecia onde as colocava, mas dessa vez sua intuição foi precisa. Não se preocupou em trancar sua casa, chegar ao campus era mais importante. Correu até a calçada, instintivamente parou antes de atravessar a rua. Um carro passou em alta velocidade. Certamente teria a atropelado se não parasse. Atravessou a rua, entrou em seu carro e acelerou.

Quando chegou a esquina com o carro virou à direita. Seguir o caminho reto era mais rápido, porém sempre havia uma viatura da polícia parada algumas quadras adiante. Laura precisava ir o mais rápido possível, passar o limite de velocidade. Quando avistou uma sinaleira mais adiante, Laura virou à esquerda. A rua era contramão, porém não poderia se dar ao luxo de parar no sinal vermelho. Viraria novamente à esquerda duas quadras adiante para retomar o sentido do campus. Laura pisava no acelerador o mais fundo que conseguia.

De repente, por instinto, tirou o pé do acelerador e pisou com toda a sua força no freio. Os pneus do carro deslizaram pelo asfalto e fizeram uma marca de pelo menos vinte metros atrás dela, porém ela conseguiu parar o carro. Imediatamente após o carro parar uma criança passou correndo em sua frente. O pequeno garotinho, de uns seis anos de idade sequer olhou para os lados e correu para o outro lado da rua. Laura o encarou, atônita. Como sabia que ele iria atravessar a rua? O garotinho pegou uma bola que estava escorada contra o corrimão, e voltou para o seu quintal de casa. Quando passou pela frente do carro de Laura, lançou um sorriso a ela. É isso, ela deve ter visto a bola rolando e por puro instinto pisou no freio. Não importa.

A mulher voltou a acelerar seu carro. Saiu da via de contramão e retomou a estrada principal para a universidade. Enquanto dirigia pegou seu celular para tentar novamente ligar para o seu namorado. Olhou para baixo para discar novamente o número. De repente sua mão esquerda puxou o volante fazendo o carro ir para a outra pista. Laura segurou firme com as duas mãos e percebeu a sorte que teve. Andava muito mais rápido do que o permitido naquela pista, e se não tivesse invadido a outra pista em que não vinha nenhum carro teria batido em um que andava no mesmo sentido que ela, porém muito mais devagar.

Laura fez a ultrapassagem e retomou a pista. Pegou novamente seu celular para discar o número, mas parou na metade. Não adiantaria. Sabia que ele não atenderia. Não importava, ela estava perto do campus. Laura entrou pelo campus e seguiu em direção ao seu prédio. Não procurou vagas de estacionamento. Naquele horário era praticamente impossível encontrar alguma livre. Parou em frente ao prédio em que trabalhava com seu namorado. Desceu do carro sem desligá-lo. O carro não era importante.

Laura entrou no prédio e correu em direção às escadas. Seu laboratório ficava no quinto andar, mas ela decidiu passar direto pelo elevador. Não precisou olhar para o indicador do andar, pois sabia. Ele estava no sétimo e iria demorar até descer. Subiu correndo as escadas. Pulava dois, três degraus por vez. Quando chegou ao seu andar deu de cara com o seu orientador.

- Olá, eu precisava falar com você Laura! Tenho ótimas notícias...

Ela não deu atenção a ele. Sabia que não importava e não faria diferença. Entrou correndo em seu laboratório. Seu namorado estava lá. Ele fazia cálculos na máquina, sorria nervosamente. Laura o chamou. Ele não a cumprimentou apesar de estar com uma expressão de felicidade.

- Eu consegui, descobri a solução. Veja!

Laura não teve tempo de reagir. Tentou fazê-lo parar, mas ele já havia iniciado o comando na máquina. Laura tentou gritar, mas de repente era como se o som havia sido sugado do ambiente. Uma forte pressão agiu sobre a mulher. Ela caiu de joelhos ainda olhando pro seu namorado, que agora a olhava com uma expressão de medo. A luz começou a ficar tão forte até tudo ficar branco. Laura não via mais nem seu próprio corpo. Laura fechou seus olhos.

Laura pegou seu telefone para ligar para o seu namorado...

## O calor da despedida

O ambiente encontra-se quase que completamente escuro. William está exausto, com fome, sede e dores pelo corpo todo que não se move a um tempo pelo qual ele já perdera a noção. No mar de escuridão consegue perceber algumas sombras de objetos inidentificáveis devido a uma escassa luz que passa sobre o vão do que parece ser uma porta. Tenta manter a calma. Concentra-se no som e na sensação em seu pulso do tique taque de seu relógio. Mas perde-se na pressão das cordas amarradas pelos seus braços e pernas. Ouve alguns ruídos abafados em um andar superior.

Após a quarta ou quinta dose de Whisky o garçom disse que iria fechar o bar, William olhou para o seu relógio e soltou algum resmungo insignificante e incompreensível. Uma bela e elegante mulher, sentada do outro lado da copa o fitava com seu olhar. Will sabia do estado desagradável em que se encontrava, porém, mesmo assim, a dama chamou o garçom e pediu para ele entregar-lhe um bilhete. O homem não se mostrou muito animado, mas aceitou o pedaço de papel, serviu mais uma dose e os entregou a William. A mulher se retirou. Abriu o bilhete, tomado subitamente por uma animação de poder ter ganhado a noite e leu: “Te espero lá fora”. Guardou o pedaço de papel no bolso do paletó, largou algumas notas no balcão como pagamento, bebeu de um só gole a dose que recebera e partiu apressado para a saída do bar.

Os ruídos aumentam, se aproximam e tornam-se mais claros e identificáveis. São passos. Passos que parecem descer uma escada e ficam cada vez mais altos até que param e ganham forma em duas sombras de frente com a porta. Uma chave gira uma fechadura envelhecida, e com sons metálicos de maçaneta e dobradiças a porta se abre. Apenas uma sombra se figura.

- Hei! O que é isso, porque está fazendo isso comigo?

William fica sem resposta. A sombra move-se para o centro da sala e liga uma lamparina que se encontra em uma mesa de frente com o prisioneiro. Apesar da forte dor de cabeça devido à ressaca, agora sóbrio, Will olha em direção à figura que ali se posta. A mulher...

Ela era a dama de honra do casamento do sócio de seu pai. William havia estudado as possibilidades e ela era a presa perfeita. Apenas vinte anos, estudando para trabalhar com o pai, mas uma grande inexperiência devido às facilidades que a vida lhe proporcionara. Era filha única, sem mãe. Depois que sua mulher faleceu, o pai da garota se dedicou apenas aos negócios. Cresceu financeiramente, buscando proporcionar uma vida feliz à sua filha, sem nunca ter tido algum novo relacionamento amoroso. Seus negócios acabaram se encontrando com os da família de William, que logo foi incumbido pelo pai de descobrir como tomar as ações de seu mais novo sócio.

Afinal, era assim que o mundo corporativo e os negócios familiares de William funcionavam até então. Seu pai era um dos homens mais influentes do país, mas isso não significava que o velho não desejava sempre mais. E se houve algo que William herdou, foi a ambição e sagacidade do pai. Foi ensinado desde cedo a negociar, e mais importante, saber quando um futuro sócio com um negócio proeminente poderia ser enganado e destruído. Para aquela festa de casamento, William havia feito as tarefas de casa. Os noivos já estavam bêbados e loucos para ir ao quarto de hotel naquela altura da noite quando Will se aproximou da garota.

- Posso lhe oferecer uma dose de Whisky? É o seu favorito, certo?

- O que você quer? Quem é você e porque estou aqui?

A mulher sorri. Ela abre uma garrafa que se encontra ao lado da lamparina. O cheiro da bebida faz William sentir náuseas. Certamente Whisky é sua bebida favorita, mas ninguém consegue suportar o cheiro de álcool estando com uma ressaca tão forte quanto à dele. Ela enche um copo, leva-o à boca de Will que o recusa fechando seus lábios e virando o rosto. O homem quase vomita com o cheiro do álcool que invade seu nariz. A mulher sorri novamente, e então bebe um gole do copo.

- Certamente você sabe quem eu sou. Afinal, sei que apesar deste Whisky ser o seu favorito você já não tem mais a mesma pré-disposição para a bebida como tinha vinte anos atrás.

Ela se senta sobre a mesa, colocando o copo ao seu lado. Encara Will com um olhar sereno, esperando alguma reação do homem.

- Você não vai se lembrar, vai?

- Não, eu juro que não vou me esquecer do seu nome. Lucy, certo?

A garota sorria com o desentendimento fingido de William. Os noivos já haviam sumido da festa, apenas alguns amantes um tanto alcoolizados ainda dançavam músicas lentas. Os dois haviam passado o resto da noite conversando, quando decidiram por caminhar à beira da praia para ver o sol nascer. William se mostrava de fato interessado nela, e ela, naquele ponto, já conversava com ele sobre sentimentos, ambições e medos pessoais.

- Não consigo. Não assim. Me solte, e poderemos conversar melhor. O que você quer de mim?

- De boa vontade sua, apenas suas lembranças. O resto eu irei tomar e reivindicar.

A mulher retira então de sua bolsa um isqueiro e uma carteira de cigarros. Acende um e o oferece a William, que o aceita. Ela retira outro da carteira, acende e

dá uma longa tragada. William, todo amarrado, suado e ofegante, a observa, agora, pacientemente. A mulher sorri para si, olhando para o teto, e então volta seus negros olhos para Will retomando uma expressão séria.

- Não tente buscar essa característica minha no passado. Você sabe que eu não fumava...

- Quer um cigarro?

- Não, obrigada. Eu não gosto do cheiro de cigarro.

- Bom, ajuda a acalmar. Ainda mais depois dessa reunião.

Lucy e William haviam saído de um prédio executivo no centro de Nova York. O prédio, os negócios e as pessoas dentro do prédio pertenciam ao pai de Will, mas Lucy não sabia disso. A garota jamais imaginaria isso. Estava desesperada com o que acabara de ouvir na reunião. Os negócios de seu pai, a empresa construída por ele para sua filha, estavam à beira da falência. Os dois entraram em um Cadillac que os aguardava do lado de fora da rua, e assim que sentou dentro do carro, Lucy desatou a chorar e soluçar. Will estava calmo, sabia que tudo não passava de uma farsa construída para tomar a empresa de sua “amada”.

- Você ouviu o que eles disseram? Que vamos perder a empresa de meu pai! Como isso pode ter acontecido?

Will abraçou a garota. Tão ingênua e desolada protegendo-se no abraço da serpente.

- Fique calma, tenho certeza de que meu pai poderá lhe ajudar.

- Precisei de ajuda para lhe encontrar. No início foi difícil, mas quanto mais eu cavava na sua história, mais sujeira eu descobria.

- Eu não sei do que você está falando!

- Não se finja de tolo Will. Eu não fui a única a ser enganada por você e seu pai. Levei alguns anos para me reestabelecer. Claro, nunca mais tive dinheiro que me sobrasse. Me dediquei apenas a comer e ter um quarto minúsculo para dormir. Mas nunca parei de seguir seus passos. Depois que descobri um dos primeiros sócios de seu pai a ter sido enganado por vocês, não parei mais de planejar este momento. Eu não cheguei até aqui sozinha. Jamais teria condições de voltar a este lugar para usá-lo apenas para isto.

William olha para as paredes de pedras e móveis, tentando recuperar alguma característica perdida em sua memória. Mas nada lhe ajuda. A mulher

percebe que Will não consegue lhe encarar e ri de sua atitude covarde. Retoma então sua fala.

- Claro, acho que você não vai reconhecer o porão desta casa, seria mais fácil se você tivesse coragem de olhar para mim. Mas, foi acima de nós que ele decidiu por um fim ao seu sofrimento. Foi acima de nós que você me desposou pela primeira vez, me abraçou quando ele cometeu suicídio e ainda disse que me esperaria. Essa era a minha casa.

- Teremos de vendê-la. É a única forma de tentar salvar os negócios.

- Não se precipite Lucy, eu e meu pai daremos um jeito.

Depois da queda dos valores de sua empresa, o pai de Lucy começou a se manter em casa por longos períodos. Não saía dela, e ficava debruçado sobre papéis para entender o que havia levado seus negócios a despencarem tão rapidamente. Era a herança de sua única filha que estava em jogo. Como poderia tudo ter dado tão errado depois de associar-se a um grande empreendedor? O homem investigou a fundo todos os rumos que o haviam levado até aquele ponto. Quando descobriu que as reais causas de sua falência eram seu novo sócio e o pretendente de sua filha, o homem ficou desesperançoso.

Os dois jovens chegavam à casa de Lucy. Era uma moradia grande e aconchegante, à beira de um lago e afastada da cidade. O pai de Lucy preferia assim, pois antes de tudo desandar, no tempo livre e de temporada, se dedicava à caça. Porém, devido aos prejuízos que sua empresa estava gerando, Lucy havia sugerido ao pai a venda da mesma. Foi quando a jovem abriu a porta da casa que se deparou com o que jamais imaginara. Em uma poltrona, virada de costas para a porta e de frente para a lareira, pendia um braço, imóvel. Uma Magnum .44 caída ao chão e um furo na parte de traz da poltrona indicavam o pior.

A garota caiu de joelhos ao chão, e Will correu até a cadeira para ver a situação. O rapaz esboçou uma expressão de desconforto com a imagem que vira, e quando Lucy tentou correr para ver seu pai ele a impediu.

-Suicídio? Lucy?

- Sim.

Will não acreditou no que estava olhando. Um fantasma do passado que voltara para fazê-lo pagar por seus pecados. Apesar de Lucy não ter sido nem a primeira e nem a última, certamente foi a única que perdeu tudo. Mas com o tempo, mesmo depois da tragédia pessoal da garota, Will a deixou para o esquecimento. Jamais imaginou que ela conseguiria se reerguer de alguma forma, mas ali estava. Querendo não acreditar na ironia da situação em que se encontra, Will sorri.

- Você envelheceu Lucy. Mas não a culpo. O que você quer de mim agora, todo o meu dinheiro?

- Eu não quero seu dinheiro imundo. Aprendi a viver sem ele.

Lucy bebe mais um pouco do Whisky, esvaziando o copo. Pega a garrafa e o enche novamente. Oferece a Will, mas o homem continua a recusar. Lucy o fita com seu olhar.

- Você deveria aceitar.

- Não estou com vontade agora.

- É uma pena. Diga-me, você se lembra da última vez que nos vimos Will? Não tivemos uma despedida decente. Tudo o que você me deu foi apenas mais uma promessa vazia.

- É uma triste despedida para o seu pai, garota. Espero que isso não mude nossos negócios.

O pai de Will dirigia palavras sem significado para uma Lucy desolada, sentada em uma cadeira de frente para um caixão com o corpo de seu pai. Will a olhava de longe, sem mover um músculo de sua face, sem revelar qualquer sentimento naquele momento. Lucy fitava o chão, quando o pai de Will saiu se juntando ao filho. Disse-lhe alguma coisa próximo a orelha do garoto, sorriu levemente e saiu. Lucy olhou então para Will, e o chamou. Porém ele não esboçou reação. Apenas pegou sua agenda e uma caneta e anotou algo. Arrancou o pedaço de papel e pediu para um desconhecido que estava no velório entregar a Lucy. A garota recebeu a anotação, desdobrou o papel e leu: “Não se preocupe comigo. Te espero lá fora”. Quando levantou seu rosto, Will já não estava mais lá.

- Você nunca me esperou. Fugiu com tudo que era meu, exceto uma coisa.

Lucy então levanta da mesa e vai até Will, colocando sua mão por dentro do paletó. Ela retira o bilhete que havia entregue para o homem ainda no bar. Depois vai até a sua bolsa, retira outro pedaço de papel e o lê.

“Não se preocupe comigo. Te espero lá fora.”

- Mas eu me preocupei com você este tempo todo Will. Planejei este momento para lhe entregar a última coisa que era minha e você não tomou.

A mulher abre sua bolsa novamente procurando por algo. Sorri. Lucy então retira um revólver dela. Uma Magnum.44.

- Bom Will. Vamos nos despedir apropriadamente desta vez.

## **Não abra seus olhos**

O garoto estava atrasado para voltar para casa. Saiu para andar de bicicleta ainda durante à tarde e prometeu para os seus pais que voltaria antes do escurecer. Desobedeceu. Ele pedala com todas as suas forças, todo suado e respirando descontroladamente apenas tentando fazer com que a maior quantidade de ar entre em seus pulmões. Ele falha. Decide parar sob a luz de um poste. O único acesso na rua. Ainda está longe de casa. Nunca foi tão longe.

A criatura, uma espécie de animal que só seria encontrado em livros que não são lidos em bibliotecas, caça. Seu instinto a guia, percorrendo por entre árvores sob uma escura noite. Ela não precisa de luz para se guiar. Seu faro a indica onde a presa está. Não se cansa, não ofega. Persegue o cheiro que indica seu alimento. Está cada vez mais forte, aumenta o ritmo da corrida.

Um som parecido com um grito rompe o silêncio da noite. O garoto olha para os lados, mas nada se move. A luz que o poste oferece não avança muito sobre o asfalto. Ele vê a próxima fonte de luz que está longe. Respira fundo. Começa a pedalar com todas as suas forças. Os pedais estão cada vez mais pesados, as ruas mais compridas e a noite mais sombria. Está completamente escuro entre um poste de luz e outro. O vento começa a movimentar as folhas das copas das árvores. Um cheiro parecido com o de sangue sobe no ar.

O monstro continua sua perseguição implacável. Tem até o amanhecer para se alimentar. Um vento começa a soprar na floresta. O ar é impregnado, denso. Mas ele continua a correr sobre suas quatro patas. Ele para. Cheira. Sente que está perto de sua presa. Vê uma fonte de luz que atrapalha sua visão. O monstro é uma criatura da noite, a luz simplesmente o cega. Vê um vulto se movimentando. Consegue sentir as pulsações do coração de sua presa, ela está ofegante, cansada. O animal uiva. Um som que mais lembra a chegada da morte corta o silêncio. Ele retoma sua caça.

O garoto chega ao poste de luz e para. Volta a descansar, tentando controlar sua respiração. Algo maligno o persegue, mas precisa respirar. O menino, exausto, olha para cima. Não vê a lua nem estrelas. Foca seu olhar na luz do poste. Ela começa a falhar e se apaga. Ele ouve um som que jamais ouviu antes, maligno, como se fosse a anunciação de seu fim. Ele fica de pé em sua bicicleta, fazendo toda a força que consegue para andar o mais rápido possível. O garoto olha para trás e percebe um vulto o perseguindo. Ele força ainda mais suas pedaladas.

A criatura encontrou a sua presa. Sente o cheiro de medo no ar. Percebe o cansaço de sua presa e aumenta o ritmo de sua corrida. Está perto. O alimento não pode fugir. A criatura o alcança, fica lado a lado com a presa. O monstro pula para o ataque.

O garoto acorda gritando, mas nenhum som sai de sua boca. Está em sua casa, está em sua cama. O monstro o fita com seu olhar.

## MICROCONTOS

### Amor, meu fim

Tu me queimas. Eu te esfrio. Você é o presente, momentâneo, gravado na minha eternidade em um milésimo de segundo. Eu já sou passado.



Hiroshima Mon Amour,  
Alain Resnais (1959)

### Velórios

Nasceu, viveu tragicamente e morreu feliz.



A garota e o cão, Andrei Vasilenko  
(2007)

### Enlutar

A mulher despediu-se conformada. Era um gesto de adeus, não de até logo. Não virou o rosto para trás, querendo esquecer o passado. De preto, olhava para baixo, sem querer imaginar o futuro. Ao seu lado, em luto, estava o cão. Olhando para trás e imaginando o que estava por vir.

### Receita de 327 passos para bombas caseiras

P.S.: Não esqueça o pavio

"O Roubo do Século"  
Por Franchêscolli Gohlke

|

1

QUARTO DE LUCAS

INT./MANHÃ-DIA

O quarto é de um adolescente com características nerds. Pôsteres nas paredes de filmes e games indicam como LUCAS deve ter sua imaginação influenciada por tais.

Lucas e FÁBIO (ambos com 13 anos) discutem de forma nervosa entre si.

FÁBIO

Cara, você tá muito ferrado. Vamos simplesmente desistir dessa tentativa suicida.

LUCAS

Não! Meu, tu que deixou o drone do meu irmão cair na casa dela, agora o mínimo que pode fazer é me ajudar a pegá-lo.

FÁBIO

Cara, por que não fala com os teus pais? Você sabe o que falam dela, as coisas que ela faz... Ela pegou o drone e colocou dentro de casa!

LUCAS

Meu, meus pais vão me matar se souberem que eu o peguei escondido. Eles compraram pra um projeto da faculdade do meu irmão. Custou a maior grana!

FÁBIO

E o que você quer fazer? Entrar na casa dela? Aquela velha é maluca!

LUCAS

Eu sei! E quem vai ficar mais maluco ainda vão ser os meus pais depois que souberem que tu bombardeou a casa dela com um drone... Não temos escolha, vamos bolar um plano pra pegar ele de volta.

2

RUA EM FRENTE À CASA DE LUCAS

EXT./TARDE-DIA

Lucas e Fábio saem da casa de Lucas e caminham pela rua em direção à casa onde o drone se encontra. Eles começam a repassar o plano

LUCAS

Tá certo cara, você entendeu todo o plano?

(CONTINUED)

FÁBIO

Que plano? Meu plano era chegar aos dezoito pra aprender a dirigir e beber whisky com energético como o seu irmão!

LUCAS

Você nem gostou de energético quando a gente experimentou.

FÁBIO

Ainda tenho cinco anos para começar a gostar. Ou tinha, até você decidir roubar uma bruxa serial killer!

LUCAS

Não é roubo se é nosso... Enfim, como combinamos: nós vamos pelo terreno baldio que fica atrás da casa dela, vemos se ela está em casa e entramos. E depois?

FÁBIO

Depois torcemos para não sermos mortos por um dos gatos que ela tem..

LUCAS

Cara!

FÁBIO

Ok, foi mal. Eu vasculho o primeiro andar, e você o segundo. Mas, e se ela tiver um porão? Quero dizer, ela com certeza tem um porão. Onde mais faria as coisas que ela deve fazer?

LUCAS

Não vamos pensar nisso agora...

FÁBIO

E se ela estiver em casa?

LUCAS

Com sorte ela vai estar dormindo ou fazendo alguma coisa que velhos fazem.

FÁBIO

Cara, você não está pensando direito...

LUCAS

Droga, você está certo. Precisamos de mais alguém.

(CONTINUED)

FÁBIO

Sim, seus pais pra baterem na porta dela e pedir educadamente o drone de volta.

LUCAS

Isso! Quero dizer, não, mas sim também... Precisamos de alguém pra distrai-la.

FÁBIO

Ahh, você pirou.

LUCAS

Olha, é a LETÍCIA do outro lado da rua? Podemos pedir ajuda pra ela.

Os dois garotos param e observam Letícia (13 anos, com uniforme do colégio e carregando caixas de chocolate para vender) do outro lado da rua, batendo de porta em porta nas casas.

FÁBIO

Isso aí. Pedir ajuda para uma garota quase tão estranha quanto a velha LOURDES!

LUCAS

Ela não é estranha, só é nova na turma. Eu sempre converso com ela. Ela é legal, diferente....

FÁBIO

Pedir um lápis emprestado agora é conversa?

Lucas não dá atenção à fala de Fábio e atravessa a rua na direção de Letícia. Ela o vê e o cumprimenta.

LETÍCIA

Oi Lucas, tudo bem com você?

LUCAS

Oi. Então.... Olha... Eu sei que você mal me conhece, e o Fábio também.

Lucas vira para Fábio e o chama para atravessar a rua e vir ao encontro dos dois. Fábio o faz de má vontade. Lucas continua de forma tímida.

LUCAS

Mas gostaríamos de pedir a sua ajuda.

Fábio interrompe

(CONTINUED)

FÁBIO

Poderia bater na porta daquela casa e distrair a dona por alguns minutos? Isso se ela estiver em casa..

Fábio aponta para uma casa velha e mal pintada de dois andares quase na esquina do quarteirão. A casa não tem muros, apenas uma cerca de metal. Atrás, um terreno baldio e nas laterais casas com grandes muros.

Letícia olha para a casa e de forma irônica se volta para os dois.

LETÍCIA

Ha-ha. Olha, eu sou nova aqui na cidade, mas já sei bem quem mora ali. O que vocês querem com ela?

LUCAS

Então, o Fábio derrubou o drone do meu irmão na casa dela. Só queremos uma distração para recuperá-lo.

LETÍCIA

Nem pensar.

Lucas olha para os chocolates que Letícia carrega.

LUCAS

Esses são os chocolates que temos que vender para a viagem da turma?

LETÍCIA

Sim...

LUCAS

E se nós dois vendêssemos eles pra você em troca desse favor?

Fábio em sinal de contragosto dá um "cutucão" em Lucas. Letícia sorri, em forma de aprovação.

LETÍCIA

Ok. Mas tem mais uma condição.

FÁBIO

Ah meu deus.... Qual?

LETÍCIA

Conversem mais comigo na aula. Não tenho amigos aqui ainda e já estou há seis meses na turma. Eu não mordo, prometo.

(CONTINUED)

LUCAS

Mas eu já conversei com você!

LETÍCIA

Pedir um lápis emprestado não é conversa.

3

CALÇADA EM FRENTE A CASA DE LOURDES

EXT./TARDE-DIA

Os dois garotos e Letícia se preparam para seguir com o plano. Eles se escondem atrás de uma árvore que se encontra na calçada do outro lado da rua em frente à casa. Lucas se mostra mais nervoso

LUCAS

Ok. Estão prontos? Eu estou pronto, eu acho.

FÁBIO

Eu sei que não estou. Mas vamos lá né.

LUCAS

Cara, vai na frente. Eu só quero falar uma coisa com a Letícia.

Fábio olha para Lucas sem entender, mas aceita.

FÁBIO

Ahh, isso vai dar muito errado. Quer saber? Pode demorar aí, pelo menos assim você estende os meus últimos momentos de vida.

Fábio sai de trás da árvore e corre em direção ao terreno baldio atrás da velha casa.

Lucas então olha para Letícia.

LUCAS

Então, Lê. Eu queria te dizer, assim... Tudo pode dar errado e talvez eu não tenha a chance de falar o que eu sinto.

LETÍCIA

Você não está se sentindo bem?

LUCAS

Não, é que... Eu te amo!

LETÍCIA

Lucas... Em seis meses você só me pediu um lápis emprestado.

(CONTINUED)

LUCAS

Mas..

Inesperadamente, os dois são interrompidos por uma velha senhora, que segura um gato por uma coleira e um drone em uma das mãos

LOURDES

Com licença mocinhos. Este troço voador que quebrou a minha janela pertence a alguém de vocês?

FIM

"Platús"  
Por Franchêscolli Gohlke

1 FLORESTA EXT./NOITE

TIAGO (20 anos, com roupas rasgadas e visivelmente cansado) corre por entre árvores de uma velha floresta. Por cortes rápidos e som diegético percebe-se que ele está sendo perseguido. Tiros são disparados.

2 FESTA DE FORMATURA - PAVILHÃO DO COLÉGIO INT./NOITE

Os sons dos tiros são confundidos com a música da festa. O local é um pavilhão de colégio decorado.

LUCAS (17 anos, com terno e gravata) está sentado sozinho olhando vagamente para a pista de dança e para CLARISSA (17 anos, com vestido longo). Leva um susto quando seu amigo NATÃ (17 anos, também com terno e gravata) interrompe seus pensamentos.

NATÃ

Cara, não vai chegar nela? É a nossa formatura! Se tu tem uma chance, é agora.

LUCAS

Não sei... Quero dizer, acho que prefiro manter a amizade.

NATÃ

Qual é? O mundo é pequeno e a vida curta demais para você perder essa noite!

LUCAS

Tenho certeza que esse mundo é bem maior... Vamos embora, temos o culto de manhã.

NATÃ

Porra, nem me lembra. Só mais um pouco? Qual é, tu sabe que isso não vai mais acontecer. Essa festa provavelmente será a última!

LUCAS sorri para o amigo e pega um copo que está sobre a mesa

LUCAS

Ok, acho que mais um pouquinho não vai fazer mal.

3 FESTA DE FORMATURA - PAVILHÃO DO COLÉGIO EXT./NOITE

Os dois amigos saem do pavilhão abraçados, levemente bêbados e sorrindo. Atrás deles a porta se abre, e Clarissa sai se colocando entre os dois.

(CONTINUED)

CLARISSA

Vou com vocês... Não gosto  
de caminhar sozinha aqui.  
Vão no culto amanhã?

NATÃ

(Irônico)

Não perderia por nada.

Os três riem e caminham pelo meio da rua, iluminada apenas por alguns postes de luz, com um alto muro ao fundo feito de concreto e lataria retorcida. Chegam até uma torre de guarda próxima e avisam a uma mulher com uma espingarda posta a observar a densa floresta do outro lado do muro.

LUCAS

Ei, SUSANA, estamos indo pra  
casa.. Boa noite.

A mulher apenas confirma com a cabeça e fala algo pelo rádio. Clarissa volta então a falar enquanto eles caminham pela rua em um bairro com casas escuras e fechadas.

CLARISSA

Então, o que vocês fariam  
agora? Quero dizer, o que  
planejavam fazer?

LUCAS

Antes de tudo isso? Eu só  
queria sair daqui, largar essa  
cidade pequena com gente de  
cabeça pequena.

NATÃ

Qual é cara. A vida aqui não é  
tão ruim assim. Poderia ser  
bem pior.

CLARISSA

É, lá fora é bem pior...

LUCAS

Será? Ninguém sabe. Porque não  
nos deixam sair, explorar,  
procurar por mais pessoas?

NATÃ

Você sabe que é perigoso. E não  
deve ter ninguém vivo fora daqui.  
Ninguém que deva ter algum pingo  
de bondade ainda, pelo menos.

LUCAS

E você acha que o pessoal daqui  
ainda tem bondade? Quero dizer,  
vocês sabem o que aconteceu.. O

(MORE)

(CONTINUED)

LUCAS (cont'd)

que o prefeito falou dele, e o usou como desculpa para que ninguém pensasse fora da linha. Algum dia eu também vou fugir daqui.

NATÃ

E como você sairia daqui?

LUCAS

Conheço uma brecha no muro. Há um duto que passa por baixo dele que não foi fechado. Está na parte mais antiga do muro, acho que com o desespero da época simplesmente o esqueceram.

NATÃ

Não sei cara. Acho que você está com raiva. Quero dizer, o prefeito nos salvou. Ele conseguiu organizar tudo, levantar esses muros e manter as pessoas a salvo aqui dentro. Não precisamos sair, não há nada lá fora.

LUCAS

Você sabe a opinião que meu irmão tinha sobre isso Natã..

NATÃ

E cara, você sabe o que aconteceu com ele.

Os três ficam em silêncio, e continuam a caminhar. Clarissa então tenta retomar a conversa e animar os amigos

CLARISSA

Olha, acho que temos que ficar agradecidos. Todos vivem felizes aqui. Não precisamos de mais nada.

LUCAS

Se você diz... Enfim, é aqui que eu fico. Boa noite pra vocês.

Os três se despedem e Lucas entra em uma casa que está completamente escura. Os outros dois continuam a caminhar.

A cozinha é espaçosa, com uma mesa redonda ao centro com cinco lugares.

A mãe de Lucas, JOANA (mulher, 45 anos), prepara o café da manhã. O pai, ROBERTO (homem, 50 anos) está sentado à mesa, tomando café. Joana então chama seus filhos.

JOANA

Venham, está na mesa! Não quero que nos atrasemos para o culto!

Lucas então entra na cozinha, cumprimenta de forma alegre seus pais e se senta ao lado de Roberto. Enquanto a mãe coloca alimentos sobre a mesa, Thiago entra, pega uma maçã e caminha em direção à saída quando é impedido pelo seu pai.

ROBERTO

Nada disso. Sente com a gente, temos o culto hoje.

Thiago desaprova, mas senta-se a mesa. Morde sua maçã e fala para o pai

THIAGO

Como vocês conseguem? Fazem quase três anos que isso começou. Como vocês mudaram tan..

Rapidamente Thiago é interrompido pelo seu pai.

ROBERTO

O mundo mudou de cabeça para baixo, e nós continuamos aqui! E isso é graças ao prefeito.

THIAGO

O prefeito? Não cansam de beijar os pés dele?

Roberto bate forte na mesa, e Thiago se levanta gritando para os pais. Lucas fica olhando para baixo.

THIAGO

(gritando)

Será que vocês não veem? Merda aconteceu sim, mas esse canalha se mantém no poder da cidade, usando o trabalho de todos! Enquanto usa o medo do desconhecido que está lá fora para nos manter aqui! Eu não quero ficar aqui!

(CONTINUED)

ROBERTO

Você não tem a mínima noção do que as pessoas se transformam quando infectadas. Basta uma mordida, um contato deles com o seu sangue.

THIAGO

Infectados estão todos dessa cidade, acreditando e louvando a um falso deus, e principalmente, um falso político.

Thiago então se retira da cozinha. Seus pais ficam em silêncio, sem saber como reagir. Lucas olha para sua mãe e depois volta seu olhar para baixo, em direção ao seu prato.

5 COZINHA DA CASA DE LUCAS

INT./DIA

Lucas e seus pais estão na cozinha tomando café da manhã. O garoto olha para baixo e mexe com a comida em seu prato demonstrando pouco interesse em se alimentar, enquanto ouve seus pais conversando sobre a cidade e o prefeito.

ROBERTO

... Parece que não poderemos trabalhar hoje. Acho que virá uma tempestade.

JOANA

E como estão os muros, ganharemos mais terreno para as plantações?

ROBERTO

A intenção não é aumentar as nossas fronteiras, mas melhorar nossos muros contra invasores.

JOANA

E quanto à qualidade de vida aqui dentro que vinham discutindo? Já descobriram se ao menos é possível distribuir a energia elétrica para o resto da cidade?

ROBERTO

Não, por enquanto ela vai ficar para os líderes ainda. Depois daquele grupo de sobreviventes que tentou entrar e impedimos o prefeito..

Lucas interrompe

(CONTINUED)

LUCAS  
O prefeito... Os líderes...

ROBERTO  
Tem algum problema garoto?

LUCAS  
Vocês, trabalhando e dando sua vida para eles. Eu não quero fazer isso. Agora que me formei não quero ser obrigado a plantar, levantar muros para eles ou matar.

ROBERTO  
Foi preciso. Não fui eu quem o fiz, mas sabemos o que eles fariam com a comunidade.

LUCAS  
Claro, ninguém esperou para ouvi-los.

JOANA  
Lucas, aqui não. Por favor.

Joana olha para Lucas dando a entender o rumo que a conversa está tomando.

6

IGREJA DA CIDADE

INT./DIA

Sinos tocam enquanto pessoas saem da igreja. Lucas está acompanhado de seus pais e sentado mais a frente. Olha para trás e vê Natã e Clarissa sentados. Natã faz sinal de que o vai esperar fora, os dois se levantam e saem. Quando os pais de Lucas se levantam para sair, o PREFEITO (homem, 45 anos, com uma aparência que inspira liderança) os chama para conversar.

De forma simpática ele os cumprimenta, porém Lucas não demonstra intimidade.

PREFEITO  
Olá, como vocês estão, bem?  
Que bom.. É sempre bom ver nossos cidadãos contentes.

ROBERTO  
Ah claro, obrigado senhor.

PREFEITO  
Então, eu queria conversar com vocês, ver como estão. Afinal, hoje fazem dois anos.

Os pais de Lucas se entreolham desconcertados. Lucas olha com raiva para o prefeito, que continua a falar de forma descompromissada.

(CONTINUED)

PREFEITO

Eu sei que é difícil para vocês, especialmente para o garoto aí. Mas espero que entendam. Foi difícil, eu mesmo o fiz, mas tenho certeza de que foi o melhor. Ele havia sido mordido. Vocês entendem né?

JOANA

Claro, sem dúvidas..

PREFEITO

Enfim, não se preocupem, ele certamente está em um lugar melhor. Vocês só precisam seguir minhas palavr...

Lucas impaciente então decide sair.

Joana, Roberto e o Prefeito olham para Lucas deixando a igreja com raiva.

7

IGREJA DA CIDADE

EXT./DIA

Fora da Igreja pequenos grupos de pessoas conversam. Natã e Clarissa o esperam juntos enquanto conversam.

Lucas sai da igreja com raiva. Vai ao encontro dos dois e Clarissa pergunta.

CLARISSA

Algum problema?

LUCAS

Essa cidade, essa gente. Preciso fazer uma coisa. Vocês sabem a parte mais velha do muro?

NATÃ

Acho que sim. A que fica um pouco antes das casas do prefeito?

LUCAS

Isso. Me esperem lá. Eu vou passar em casa e já chego lá. Por favor, apareçam. É importante.

NATÃ

Mas cara, temos que começar a trabalhar hoje. Não podemos faltar.

LUCAS

É importante, confie em mim.

Lucas então sai da companhia dos dois que o olham sem entender o que está acontecendo e vai apressadamente para casa.

8 QUARTO DE LUCAS INT./DIA

Lucas prepara sua mochila para uma fuga da cidade. De forma ansiosa ele pega algumas roupas e coloca na mochila. Lucas ainda pega uma faca de caça escondida em seu armário, coloca ela em seu cinto e sai do quarto.

9 CASA DE LUCAS EXT./DIA

Lucas sai da casa com sua mochila em suas costas. Ele caminha apressado em direção à parte mais antiga do muro.

10 PARTE ANTIGA DO MURO EXT./DIA

O muro tem sinais de velhice como ferrugem e limo em suas paredes. Há algumas casas fechadas nas proximidades. Uma torre de vigia com um homem observando o exterior também se encontra próxima do local.

Natã e Clarissa aguardam Lucas, que chega apressadamente ao encontro dos dois.

LUCA  
Eu vou fugir.

NATÃ  
O que, você está louco cara?

CLARISSA  
Não faça isso. O que aconteceu com o seu irmão..

LUCAS  
Eu não quero saber. Olha, eu gosto de vocês. Mas não dá mais. Preciso de sua ajuda para distrair o guarda.

Lucas aponta para a torre e os dois olham.

NATÃ  
Não.

LUCAS  
Tudo bem. Eu vou sozinho então. Apenas torçam para que o cara não atire em mim.

Lucas começa a tirar uma densa vegetação de uma das partes do muro revelando um duto entre os dois lados do muro.

Natã e Clarissa observam perplexos.

(CONTINUED)

NATÃ

Cara, eu não vou deixar...

Natã tenta agarrar o braço de Lucas. Mas Lucas retira sua faca apontando-a para Natã, que desiste de tentar impedi-lo de fugir.

Lucas passa o duto.

11 TORRE DE VIGIA INT./DIA

O homem dentro da torre de vigia vê Lucas fugindo. Ele pega seu rádio e avisa que há um fugitivo. O homem pega sua arma e começa a atirar contra Lucas.

12 PARTE ANTIGA DO MURO EXT./DIA

Natã e Clarissa ficam atônitos com a situação.

CLARISSA

Precisamos ir atrás dele,  
não podemos deixá-lo fugir.

Natã concorda com a cabeça e os dois também passam o duto.

13 FLORESTA EXT./DIA

Natã e Clarissa correm pela floresta chamando por Lucas. Lucas aparece e grita para os dois o seguirem.

Os três correm, com Lucas guiando o caminho.

LUCAS

Venham, eu conheço uma caverna  
aqui perto. Costumava brincar com  
o meu irmão. Vamos nos esconder.

14 CAVERNA INT./DIA

A caverna é comprida, e sua entrada um tanto fechada por folhas que caem sobre ela.

Os três entram na caverna. Sons de trovões começam a serem ouvidos. Natã e Clarissa se escoram contra uma parede enquanto Lucas fala.

LUCAS

Tá bem. Desculpa por isso. Mas  
eles vão tentar nos achar. Vou  
ver se consigo despistá-los.  
Esperem por mim no máximo  
até amanhã.

Lucas corre para a saída da caverna, deixando Natã e Clarissa para trás.

15 FLORESTA EXT./DIA

Thiago corre por entre as árvores sendo perseguido pelos guardas da comunidade. Sons de tiros são ouvidos atrás dele, ele olha para trás mas continua a correr.

16 FLORESTA EXT./DIA

Lucas corre sem olhar para trás debaixo de uma forte chuva. Os sons de tiros continuam, mas são confundidos com trovões.

17 FLORESTA EXT./DIA

Thiago continua correndo para fugir de seus perseguidores. Mas um tiro é ouvido e o garoto é atingido no peito. Thiago cai no chão.

18 FLORESTA EXT./DIA

Lucas cai no chão. Atordoado, olha em sua volta e vê a entrada da caverna. Ele corre para entrar nela.

19 CAVERNA INT./DIA

Com a tempestade, Natã e Clarissa ficam juntos dentro da caverna para se proteger. Os dois estão claramente cansados e assustados.

Na entrada da caverna um vulto humano aparece. Ele caminha devagar, sem orientação ou coordenação.

Os dois percebem o vulto, e Natã, com uma expressão de felicidade o chama.

NATÃ

Ei! Aqui, nós estamos aqui!

O vulto rapidamente adota uma expressão corporal mais agressiva, e começa a soltar ruídos parecidos com os de algum animal.

Natã e Clarissa ficam sem reação, enquanto o vulto começa a vir em sua direção e se revela um infectado.

Nesse momento, Lucas entra pela caverna e ataca o infectado. Enquanto o infectado tenta morder Lucas, este o segura com uma das mãos e procura por sua faca.

Os amigos se levantam para tentar ajudar, mas de repente Lucas e o infectado param de se mexer.

Natã e Clarissa olham preocupados para os dois corpos ao chão. Mas Lucas então fala.

LUCAS

Ao menos me ajudem a tirá-lo de cima de mim.

(CONTINUED)

Os dois o ajudam, Lucas se levanta e então Natã tenta convencê-lo.

NATÃ

Cara, vamos voltar. Isso...Isso é loucura. Se voltarmos agora quem sabe eles nos perdoam.

LUCAS

Eu jamais vou voltar. Vocês dois podem, mas eu vou continuar.

NATÃ

Cara, você é da comunidade! Tenho certeza que te aceitarão de volta!

Lucas sorri. Clarissa o observa com mais calma.

LUCAS

Isso é um adeus entre nós.

Lucas revela então uma mordida em seu braço. Natã fica atordoado, mas Clarissa o observa séria.

LUCAS

Voltem, sejam felizes dentro da comunidade. Eu nunca fui.

Lucas caminha em direção à saída da caverna, ainda olhando para trás e sorrindo. Quando chega a saída, ele para de olhar para trás e começa a correr, saindo de vista e sumindo por entre a luz que invade a caverna.

FIM